



QUARTO DE DESPEJO: A ATUALIDADE DO MUNDO DE CAROLINA

Maria Aparecida Lucca Paranhos (maria.paranhos@iffar.edu.br)
Jéssica Lucion (jessica.lucion@iffaroupilha.edu.br)

Eixo temático: 1. Experiências e Práticas Pedagógicas

1. INTRODUÇÃO

A abordagem de um conteúdo curricular pode ser conduzida com base em diferentes concepções sobre como aprendemos e ensinamos. A seleção de materiais, de textos, de metodologias, o que propomos ou produzimos em sala de aula refletem nossas concepções, representações sobre educação e, neste caso, a significação de conceitos e conteúdos escolares, na busca da formação integral dos sujeitos.

Assim, pressupomos que nós docentes e nossos alunos somos sujeitos de aprendizagens. Aprendizes ativos que buscam compreender os conceitos e fenômenos com os quais nos deparamos nas nossas interações sociais e interagimos para que a aprendizagem ocorra. Nessa perspectiva, de que a prática pedagógica traz em si uma intenção e um posicionamento ideológico de quem a conduz, compartilhamos um contexto de aprendizagem desenvolvido durante o ensino remoto, nos meses de outubro e novembro/2020, com alunos dos 3ºs anos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em Administração e Agricultura, do Instituto Federal Farroupilha *Campus* Santo Ângelo.

A escola pode ajudar na formulação de novas formas de compreensão sobre o mundo em que vivemos? Qual a função da escola na valorização da presença negra na História da sociedade brasileira? A partir de alguns questionamentos, objetivamos abordar a temática do preconceito, da marginalização que sofrem pessoas afro-descendentes, estabelecendo relação com outras áreas do conhecimento e fazendo uso de diferentes linguagens, como a literatura e o cinema.

Nosso ponto de partida e de chegada foi a obra “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus. Autora negra e favelada, Carolina trabalhava como catadora de papel e, nas horas vagas, registrava o cotidiano da favela no formato de diários, em cadernos que encontrava entre os materiais recicláveis que recolhia. Um destes diários deu origem a seu primeiro livro, Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada, publicado em 1960. A obra virou *best-seller*, foi vendida em 40 países e traduzida para 16 idiomas. Sua atualidade deve-se às temáticas sobre gênero, fome, racismo, exclusão social, evidenciando a necessidade da manutenção e da ampliação de políticas públicas de inclusão social.



Neste texto, inicialmente, apresentamos as diferentes metodologias desenvolvidas e recursos para abordar os temas, em especial as questões étnico-raciais, nos diferentes momentos. A seguir, nos detemos em apresentar fragmentos das escritas dos alunos, entrelaçando com alguns teóricos que embasam nossa prática. Por último, tecemos algumas considerações acerca da proposta.

2. COMO ORGANIZAMOS A PROPOSTA

Consideramos de fundamental a importância obras que tragam para o protagonismo da História do Brasil histórias vividas por mulheres e homens negros brasileiros. Inicialmente, foi indicada a leitura da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, assim como propusemos que assistissem a alguns vídeos que tratam da vida e obra da autora, estruturando recursos mediadores da leitura junto aos alunos.

Neste meio tempo da leitura, os alunos assistiram ao curta-metragem “O Papel e o Mar”, de Luiz Antônio Pilar. A partir da obra em questão, foi possível discutir como Carolina de Jesus, escritora, e João Cândido, o Almirante Negro, são personagens importantes e como, apesar de iniciativas como a deste filme, ainda há uma enorme carência de produtos que revelem estas histórias individuais de liderança negra brasileira. A partir do curta, desenvolveram suas argumentações escritas que foram socializadas na turma, com base num roteiro envolvendo questões sobre poder, gênero e racismo.

Também assistiram à live: “Anti-humanismo e brasilidade: raízes da incompreensão sobre direitos humanos no Brasil” com o sociólogo, jornalista e educador Marcos Rolim. O evento foi transmitido pelo canal da WebTV do IFFar no YouTube¹. Nessa live, Rolim abordou as possíveis razões para a dificuldade de compreensão e acolhimento da temática dos direitos humanos no Brasil, explorando os aspectos que estruturam tal resistência. Os alunos produziram uma resenha da live sistematizando conceitos e informações transmitidas.

No processo de escolarização, o professor estabelece uma relação mediadora entre o livro e o aluno e desempenha um papel relevante. A leitura não é um ato solitário, uma vez que “o leitor participa de uma comunidade de leitores, onde as leituras são compartilhadas como experiências vividas e o caminho que nos conduz até o literário passa por uma predisposição individual, mas também por mediações externas como é o caso do professor em relação aos seus alunos” (ROLLA, 2006, p.170). Essa mediação vai desde a apresentação da obra, a relação com outros gêneros relacionados, como o curta-metragem e a Live, a leitura de partes da obra para provocar o interesse e curiosidade dos alunos.

Na sequência, promovemos uma Mesa Redonda, via Google Meet, com professores das áreas da Sociologia, Literatura e da História que abordaram aspectos atinentes às relações de poder e ao contexto histórico-social e cultural em que se passa a narrativa de *Quarto de Despejo*. Por fim, foi proposta a análise da obra “*Quarto de Despejo*”, a partir de um roteiro de questões estabelecendo relações com outras áreas e conceitos, como os Objetivos para o Desenvolvimento

1 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bCln9s9QafU>



Sustentável (ODS)² e Políticas Públicas para o combate à fome e à miséria no país.

Este contexto possibilitou informações e a abertura de horizontes para que os alunos pudessem ter subsídios para compreender a obra e estabelecer relações, construindo argumentos para a escrita. Mário Osório Marques explica que, ao escrever, estamos “sob a mirada de muitas leituras. Acho-me em interlocução de muitas vozes que me agitam, conduzem, animam, perturbam. É isso que faz meu escrever uma interlocução de muitas vozes, uma amplificação de perspectivas, abertura de novos horizontes, construção de saberes novos” (MARQUES, 2000, p.26)

Além disso, consideramos que essa temática concorre para a formação integral dos nossos alunos, para que entendam a questão da representação e da autorrepresentação do negro na sociedade brasileira. O filme e a literatura produzem narrativas variadas sobre o papel e a participação dos grupos marginalizados na história de uma sociedade. Essas interpretações podem ajudar na formulação de novas formas de compreensão sobre o mundo em que vivemos.

3. É PRECISO OUVIR O PULSAR...

Umberto Eco (1994, p.34) em “Seis passeios pelos bosques da ficção” escreve que “o texto é uma máquina preguiçosa que espera muita colaboração da parte do leitor”. Tendo em vista essa ideia, interessou-nos buscar as percepções dos alunos sobre o livro lido, a partir do contexto que criamos. Assim, o pulsar da vida da personagem Carolina, entrelaçado com as reflexões de cada um, da sua percepção de mundo, da sua constituição subjetiva passam a ser “ouvidos”. Para isso, foram elaboradas questões envolvendo: 1) o título da obra; 2) o contexto histórico da narrativa; 3) questões de gênero; 4) a função do Estado nos espaços periféricos, marginalizados na sociedade; 5) fome; 6) censura durante a ditadura militar; 7) questões étnico-raciais; 8) sentimentos de Carolina diante da pobreza e da fome; 9) relação com os ODS. Nesta discussão, abordaremos as que tratam da fome, das questões étnico-raciais (estado repressor e preconceito) e dos ODS, traremos excertos das escritas dos alunos, sem identificá-los.

Obras literárias são produções marcadas pelas características, interesses e demandas de determinada época. Nesse sentido, nelas estão envolvidas relações de poder, de gênero, de etnia...mas também indicam caminhos para “sair do lugar”, ultrapassar as relações de poder estabelecidas, transgredi-las. Ainda há uma enorme carência de produtos culturais que revelem histórias coletivas e individuais, tanto de pessoas comuns quanto das lideranças negras brasileiras (ROLLA, 2014). Entrar no universo de um personagem possibilita “vestir a pele do outro” e, assim, reconhecer no personagem como um sujeito de desejos, sonhos, direitos.

Os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) são uma campanha da ONU, a Organização das Nações Unidas, para promover mudanças positivas no mundo do futuro. Representam planos que todos os Estados-membros da ONU devem seguir para atingir alguns objetivos. Dentre eles destacam-se: erradicação da pobreza, promoção da prosperidade e bem-estar geral, proteção do meio ambiente e mitigação das mudanças climáticas. Ao total, são 17 objetivos que compõem os ODS atualmente. A partir deles, a ONU promove uma agenda de desenvolvimento que vise garantir um futuro melhor para a humanidade e para o planeta Terra.



Ao justificar o título da obra, A.S.B explica: “O título “Quarto de Despejo” é uma analogia feita por Carolina entre a cidade de São Paulo com uma casa, onde as áreas nobres são cômodos como a sala de visita e sala de jantar. Já a favela, seria o quarto de despejo, onde as coisas descartadas/obsoletas e indesejadas são depositadas: “A favela é o quintal onde jogam os lixos” e “O que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (A.S.B.).

Na sequência, estabelecendo relação entre a obra e conceitos trabalhados em Sociologia, os alunos focaram nas situações descritas pela autora em que o aparelho repressor do Estado, através da Rádio Patrulha, intervém nos conflitos de maneira quase sempre neutralizadora; ou seja, encaminhando pessoas para a prisão ou detenção nas delegacias. Carolina relata também alguns furtos e roubos dentro da favela, acerto de contas de dívidas, e também o problema da vingança privada, através dos linchamentos, que reflete o total desamparo daquela população em relação aos serviços governamentais. “O Estado está presente ali apenas para reprimir”.

Nessa questão, os alunos argumentaram sobre a função do Estado nos espaços periféricos, marginalizados na sociedade, tendo como base o texto: “O Processo de modernização periférica e a constituição de uma ralé estrutural” (SOUZA, 2018) debatido pela docente de Sociologia.

O autor se dedica ao tema da subcidadania no Brasil, sua construção e naturalização no país, a partir da análise do processo de modernização capitalista empreendido no país a partir do século XIX. Apoiando-se nos trabalhos de Florestan Fernandes, Souza (2018) destaca como os ex-escravos, recém-libertos, foram abandonados pela sociedade e Estado brasileiro à própria sorte, no contexto do fim da escravatura, e aponta que é a partir de então que se desenha um destino de marginalidade e pobreza econômica para esses grupos. Restando-lhe os espaços de menor prestígio social, o negro se torna proletário, “vagabundo sistêmico”, excluído da sociedade e passa a formar e constituir uma “ralé” estrutural que se naturaliza pela reprodução das desigualdades. Diante disso, o autor conclui que o processo de naturalização da desigualdade é a mais importante contradição da sociedade brasileira. Essa naturalização leva ao desenvolvimento de um padrão periférico de cidadania ou uma subcidadania onde nem todo mundo é considerado “gente”.

Nessa compreensão, destacamos a argumentação da aluna E.D.: “Carolina de Jesus é cirúrgica em suas críticas ao Estado, por exemplo, nos seguintes trechos: ‘As favelas não formam caráter, a favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram o quarto de despejo’ (p.34) e ‘Eles (os políticos) gastam nas eleições e depois aumentam qualquer coisa’. Em virtude disso, a raiz do problema não se encontra na função do Estado, mas sim, na ausência dela”. A aluna segue argumentando que

o Estado acaba sendo responsável pela marginalização e repressão desses cidadãos periféricos, sobretudo, graças a um sistema policial culturalmente preconceituoso e despreparado (“atira primeiro e pergunta depois”). É necessário manter a esperança de que, em uma realidade ainda utópica, os direitos constitucionais (saúde, educação, segurança, etc.) assegurados pelo mesmo Estado que os abandonou, sejam cumpridos corretamente (E.D).



Um elemento que se repete no livro é a fome: “os meninos estão nervosos por não ter o que comer”, “é preciso conhecer a fome para saber descrevê-la”, “o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora”, “os meus filhos estão sempre com fome”. Ao ler o diário de Carolina, os alunos conseguem viver, sentir, engajar-se nesse “cotidiano amarelo”, como descreve Carolina. Segundo a autora, a fome é amarela e, como o Sol que todo o dia aparece, também a fome vem todos os dias atormentar sua família e esta é a luta diária como catadora para alimentar seus filhos.

Nesse momento, interessou-nos saber a percepção dos alunos acerca desta dramática da fome que voltou a crescer no país e que atinge mais de 9 milhões de brasileiros, segundo o relatório da ONU (2019). Os alunos, mesmo vindo de classes populares, não conhecem o cotidiano da fome, tal como é descrita no livro. M.P.M argumenta que

A fome na atualidade é uma das maiores contradições que podem nos gerar indignação. No mesmo século da tecnologia, da ciência avançada, da riqueza, se faz presente um inimigo conhecido há muito tempo, a fome”[...], “o problema da fome reflete a desigualdade entre a população brasileira, visto que em um mesmo país há pessoas que possuem muito dinheiro e outras que recebem quanto muito para fazer uma refeição por dia. Com isso, o problema da fome é indiscutivelmente um problema de distribuição e não de disponibilidade como muitos acreditam (M.P.M).

O aluno estabelece, ainda, relação com o curso de Agricultura, escrevendo que

A agricultura tem mostrado seus avanços nas últimas décadas, o aumento da produtividade é enorme quando comparado há 10 anos, porém, não se combate a fome apenas produzindo mais alimentos. Esse problema deve ser enfrentado a partir de diversas iniciativas, começando por políticas públicas que garantam democratizar ainda mais a educação e geração de empregos, para que todos os brasileiros possam ter um trabalho digno e assim ser capaz de prosperar e erradicar a pobreza e a fome (M.P.M).

Carolina também escreve sobre as questões raciais dentro e fora da favela, relata sobre episódios de racismo e deixa transparecer um pouco da estrutura racializada da cidade de São Paulo na época e da posição marginalizada que os negros e negras ocupavam, mas também exalta a sua cor e o desejo de igualdade. Sobre as questões étnico-raciais na sociedade brasileira, M.A.M, argumenta: “Infelizmente, neste ano de 2020 ocorreram diversos incidentes que provaram que a questão do racismo é um problema muito presente ainda na atualidade”. Então, o aluno faz referência ao caso de George Floyd, nos Estados Unidos, e à onda de protestos que desencadeou. Também, apresenta o ocorrido em Porto Alegre/RS, na véspera do dia da Consciência Negra, quando um homem negro foi assassinado no estacionamento de uma unidade do Carrefour, por dois homens brancos que trabalhavam como seguranças do local. No ponto de vista de M.A.M, isso é “algo muito contraditório, pois os cargos que deveriam oferecer segurança são os principais opressores de pessoas negras, as abordagens policiais são mais rígidas com os negros, a justiça é mais severa [...]”.

Explica, ainda, que o racismo está presente no nosso cotidiano, “nas



empresas onde negros ocupam os cargos mais baixos; na economia que, segundo dados da Síntese de Indicadores Sociais divulgados pelo IBGE, a população negra chega a receber 31% menos do que a população branca”. A partir dessa argumentação, pontua que, mesmo assim, “ainda há pessoas brancas que criticam o sistema de cotas alegando que coloca a população negra em posição privilegiada, sem falar naqueles que negam a existência do racismo e discordam da dívida histórica” (M.A.M).

J.T.J. também faz referência a fatos da atualidade, explicando que “Estas raízes racistas perpetuam com seus ideais até os dias de hoje, vez ou outra ainda temos notícias de pessoas encontradas em situação de escravidão trabalhando para famílias de boa condição financeira”. A aluna também referencia que “negros ainda não conseguem empregos, ainda são mortos em portas de mercado, nas esquinas, nos bares, tudo por conta da cor de sua pele”.

Os estudos de Vygotski e Piaget indicam para a essencialidade da mediação e da interação na construção do conhecimento. O professor com o conteúdo e metodologias e o aluno que processa as informações tendo como ponto de partida sua cultura, seus conhecimentos para construir sentidos sobre o que está sendo estudado. Com isso, o aluno, em um processo inicialmente interpessoal, depois intrapessoal capta e interioriza a informação fazendo a reconstrução, atribuindo sentidos às informações a partir de experiências anteriores, gerando para si novos conhecimentos e, nestes casos trazidos acima, atualizando o mundo de Carolina para os fatos que aconteciam no país em 2020.

Por fim, buscamos relacionar com os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) com a obra. A aluna E. explica que, “Dentre os ODS, há alguns que se destacam nessa situação, como: “Erradicação da pobreza” e “Fome zero e agricultura sustentável”, que visam a garantir que as famílias saiam da pobreza extrema e vivam com dignidade, longe da escassez alimentícia e com uma nutrição que preze pela saúde. Também, “Educação de qualidade” e “Trabalho decente e crescimento econômico”, ampliando assim, a possibilidade de ascensão social e econômica, garantindo que as futuras gerações possam desfrutar da estabilidade (E.).

A aluna R. estabelece relações com vários ODS, argumentando sobre cada uma. Por exemplo, “**Erradicação da pobreza**; A vida da família de Carolina era marcada pela necessidade, não se tinha muita comida, dinheiro e remédios. Em muitas passagens do livro a escritora precisa ir à casa de uma patroa na cidade pedir alimento e a um centro religioso que lhe dava comida e agasalho. **Fome zero e agricultura sustentável**; Seus filhos reclamavam pela falta de comida, ela passava mal por fome. A vida dos moradores desta favela era tão difícil a ponto desta mãe precisar levar seus filhos a um evento político porque iriam distribuir sanduíches para não passar fome. E, assim, esta aluna, como os demais, argumenta sobre os ODS estabelecendo minuciosas relações com a obra, o que revela o envolvimento deles na leitura e produção da análise..

O contexto organizado, envolvendo diferentes situações - Live, Roda de Conversa, Curta-Metragem- culminado com a leitura da obra permitiu que os alunos conhecessem parte da história de vida de uma das escritoras mais lidas no Brasil, na atualidade. O protagonismo vivido por Carolina possibilitou que os alunos



percebessem os sentimentos e sensações da autora, voltassem ao livro, buscassem informações, fizessem anotações ao longo da leitura, relacionando o contexto sócio-cultural com conceitos de outras disciplinas. Como Marques (2000) afirma, a escrita é a reconstrução dos saberes, no sentido de desmontagem e recuperação de um modo novo os saberes se transformam, se reformulam.

Entendemos que a ausência de personagens negros dificulta a construção de um imaginário coletivo, nacional, que valorize a presença negra na História da sociedade brasileira. Apesar de muitos esforços para que esses personagens estejam presentes nos Currículos e seja crescente o número de obras que têm valorizado os protagonismos negros, ainda há uma enorme carência de produtos que revelem essas histórias individuais de liderança negra brasileira. Estamos certos de que, ao potencializar essas discussões e possibilitar que as relacionem com outros conteúdos e com fatos atuais, estaremos contribuindo para a formação integral de nossos alunos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises e percepções dos alunos foram socializadas em seminários realizados durante as aulas, bem como através de relatos escritos. Pelas exposições dos alunos, foi possível observar que a atividade se apresenta como uma interessante prática que os auxilia a melhor compreender realidades muito diferentes das suas. A Literatura, assim como outras linguagens artísticas e culturais, é instrumento de percepção e entendimento da vida cotidiana, dos costumes, dos pensamentos e das mudanças sociais. Além disso, com o aporte da literatura, se desenvolve nos alunos a habilidade da leitura e da produção textual, fundamentais para as Ciências Humanas e Linguagens.

Com este trabalho, apostamos na ideia de analisar um mesmo objeto por diferentes olhares – História, Sociologia, Literatura-, obtendo, assim, uma compreensão ampla e dando aos alunos suporte para resolver outros problemas na sua realidade que, por serem complexos, exigem análises de diferentes óticas. Além disso, a análise, com perguntas abertas, possibilita o protagonismo da busca pelo conhecimento que não está na figura de um professor, de um palestrante ou de um líder. O protagonista dessa busca, hoje, deve ser cada um de nós, alunos e professores. Os professores geram bons estímulos para a curiosidade, mas os alunos devem entender que o papel de buscar e de adquirir conhecimento é deles.

Para além disso tudo, rompemos com a ausência de imagens de protagonismo negro na literatura e no cinema. A Arte tida como expoente da contemporaneidade pode dificultar a construção de um imaginário coletivo, nacional, que valorize a presença negra no processo de construção da História da sociedade brasileira. Por isso, a importância de serem trabalhadas obras como O papel e o mar e Quarto de Despejo que trazem histórias cujo protagonismo é vivido por mulheres e homens negros brasileiros.

5. REFERÊNCIAS



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000.

OLIVEIRA, Maíra Zenun de. **O papel e o Mar**: sobre histórias que não nos contam dos personagens da nossa História. Revista EIXO, Brasília - DF, v.3 n.2, julho – dezembro de 2014.

ROLLA, Angela da Rocha. **Ler e escrever literatura**: a mediação do professor. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 8. ed., 2007.

SOUZA, Jessé. O Processo de modernização periférica e a constituição de uma rede estrutural. In: SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira**. Editora Leya: Lisboa, 2018.